

Maria Paula Martins

PARA

LELOS

vidas erguidas
pelo esporte adaptado



Maria Paula Martins

PARA

LELOS

vidas erguidas
pelo esporte adaptado

© Maria Paula Martins, 2020
Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

REPORTAGEM
Maria Paula Martins

REVISÃO
Adriana C. Omena Santos
Juliana Mota Diniz

FOTOGRAFIA
Comitê Paralímpico Brasileiro
Maria Paula Martins

FOTOGRAFIA DE CAPA
Comitê Paralímpico Brasileiro

ORIENTAÇÃO
Adriana C. Omena Santos

COORIENTAÇÃO
Rafael Duarte Oliveira Venâncio

PROJETO GRÁFICO
Marina Pagliari

IMPRESSÃO GRÁFICA
Gráfica Santa Ideia

Aos que me confiaram
suas histórias.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
NOTA DA AUTORA	11
LARA LIMA	14
GILVAN SANTOS	28
AMANDA SOUSA	42
MATEUS ASSIS	56
CONSIDERAÇÕES	71

PRÓLOGO

Uma barra de 20 kg com 2,20m de comprimento apoiada em um suporte. Pesos extras em suas extremidades. Deitado de costas em um banco paralelo ao chão, logo abaixo da estrutura, o atleta saca a barra e a sustenta na altura dos olhos. Após a liberação, inicia o movimento de descida lenta em direção ao peito. A barra toca o centro tórax e, depois de uma breve pausa, percorre o caminho de volta. Tudo isso em ritmo cadenciado, sem pendular para os lados e de modo impecável.

Os movimentos descritos caracterizam um exercício de levantamento de peso conhecido por supino reto. Diferentemente do halterofilismo olímpico, que conta com as provas de arranco e arremesso, a modalidade paralímpica é disputada em prova única – a de supino reto. Competem homens e mulheres que possuem deficiência nos membros inferiores, nanismo e/ou paralisia cerebral. Os paratletas, divididos em categorias por peso corporal, têm três tentativas para mostrar o seu melhor, erguendo o maior peso que conseguir.

Os árbitros ficam estrategicamente posicionados no palco, na intenção de analisar milimetricamente toda a ação. Bandeiras brancas significam que o movimento foi validado. Bandeiras verdes ou vermelhas, indicam falha na execução – seja no peitoral, no levantamento, no controle ou na posição do corpo. Dos três árbitros, ao menos dois devem subir bandeira branca para legitimar os quilos alçados.

No Brasil, as competições são chanceladas pelo Comitê

Paralímpico Brasileiro (CPB) e patrocinadas pelas Loterias Caixa. Com esse breve panorama, o cenário do paradesporto fica mais tangível. Ainda assim, muito mais do que apresentar regras ou quaisquer nuances do esporte paralímpico, esse livro surge para tecer a narrativa das vidas de quatro pessoas. Atletas com deficiência que dedicam seus dias ao esporte. Quatro trajetórias únicas, em contextos muito particulares, mas com uma forte congruência: o amor pelo halterofilismo.

Em abril de 2018, o meu caminho cruzou com o da equipe de halterofilismo paralímpico de Uberlândia. O Campeonato Regional Centro-Sul de Halterofilismo Paralímpico marcou nossas primeiras trocas. Os dois dias de competição foram como um sopro. Sai de lá fascinada, abastecida de admiração e curiosidade pelo esporte adaptado. Sinalizei para mim: “esses talentos invisíveis precisam ser vistos”.

Passados dois anos, eis o resultado desse pacto interno que assumi. Do desejo de tentar destacá-los como protagonistas de suas próprias histórias nasce esse livro. Em uma sociedade demasiadamente taxativa, me arrisco na contramão ao jogar luz à uma temática por vezes ignorada.

Os personagens foram escolhidos organicamente, seguindo muito o que entendo por intuição. Quatro enredos da vida real, que mostram as dores e delícias de transpor as barreiras do “capacitismo”, “coitadismo” e “super-heroísmo”. Como mera jornalista organizadora de ideias, autores mesmo são Lara, Gilvan, Amanda e Mateus, que me confiaram seus ardores mais íntimos.

Assim, com o intento de dissolver intolerâncias, segui-

mos PARALELOS como seres humanos da mesma natureza. Vamos ao que verdadeiramente interessa.

Abra a sua mente e desfrute!

Maria Paula Martins

NOTA DA AUTORA

Por saber que histórias se tornam mais ricas quando acrescidas de pontos de vista diferentes, além dos personagens principais do PARALELOS, também entrevistei o técnico da equipe de halterofilismo paralímpico de Uberlândia, Wéverton Santos. À frente da modalidade há 17 anos, ele também integra a comissão técnica da Seleção Brasileira de Halterofilismo Paralímpico e conhece suas “crias” como ninguém. Me pareceu pertinente, portanto, colher perspectivas dele como uma fonte testemunhal substancial. Assim, Wéverton, Tom, treinador ou técnico, serão nomes recorrentes nas narrativas a seguir.

Maria Paula Martins
Uberlândia, 2020.

Se podes olhar, vê.
Se podes ver, repara.

*José Saramago,
“Ensaio sobre a Cegueira”*



Lara Lima

"Sou plena, nada me falta"

Nos conhecemos em uma manhã quente, em março de 2017. Menina miúda, de óculos e aparelho nos dentes. Tímida, foi difícil arrancar meia dúzia de palavras de sua boca metalizada. Andava para lá e para cá em sua cadeira de rodas infantil. Não dava abertura para a aproximação de estranhos. Na ocasião, eu precisava da fala de um atleta para uma matéria sobre o calendário de competições da equipe de halterofilismo de Uberlândia.

Lara não foi uma das entrevistadas. Sequer tinha idade para competir. Com apenas 13 anos, a garota tinha no halterofilismo uma espécie de hobbie. O que não significa que fazia sem capricho e dedicação. Lembro-me de ficar surpresa com a habilidade daquela-quase-criança com a barra sobre seus braços.

Chegou ao esporte por indicação da psicóloga que a acompanhou durante uma década. “Você precisa encontrar uma atividade para movimentar o corpo e sair de casa”, ela disse. Tentou natação, mas nem com tampões conseguia evitar que a água inundasse seus ouvidos. Passou pela dança, não sentiu qualquer identificação.

Mãe e filha procuraram, então, o Centro Desportivo para Deficientes de Uberlândia – CDDU, que promovia uma série de esportes paraolímpicos. Depois de uma conversa com os coordenadores e uma análise do biótipo da garota, veio a indicação: “que tal experimentar o halterofilismo?”.

Haltero-quê? Embora nunca tinha ouvido falar da modalidade, isso não foi motivo para impedi-la de passar a conhecer. Lá se foram, mãe e filha – com 11 anos na época – ao centro de

treinamento. “Fiquei assustada, confesso. Um monte de gente, um monte de peso espalhado. Não sabia se daria conta. Minha mãe achou o máximo, viu aquelas cadeiras de roda, gente feliz, meninas com a autoestima lá em cima. Resolvi tentar”.

Ainda bem que tentou. Ali nascia um prodígio que, em poucos meses, já fazia os olhos do treinador brilhar. “Comecei com um trabalho de alfabetização corporal com a Lara. Ela era muito criança, mas era nítido que ela queria se desenvolver e ser muito boa. Hoje, uma atleta de ponta, extremamente focada, consciente. Se eu der 8 treinos por semana, ela estará lá. Dá gosto de treinar”, enaltece Wéverton.

Tricampeã brasileira em sua categoria, Lara também coleciona medalhas internacionais. Passou por Copas do Mundo, Regional das Américas, Aberto Europeu e até um Parapan-americano. Um currículo farto para uma menina de apenas 17 anos. Agora se prepara para a maior – e porque não dizer, a mais importante – disputa de sua vida: os Jogos Paralímpicos de Tóquio, em 2021.

Hoje, esclarecida de suas potencialidades, Lara tem tolerância baixa com quem não sabe lidar com a deficiência. “Quando vejo um olhar torto ou um comentário de julgamento, fico com pena é deles. Sou plena, nada me falta”. Atribui esse empoderamento ao esporte. Aquela criança ingênua deu lugar a uma jovem confiante, cheia de si.

Eu já havia estado com a garota uma porção de vezes. Como jornalista e assessora de imprensa da equipe que representa Uberlândia em competições Brasil a fora, viajamos algumas vezes juntas. Ela foi, inclusive, fonte de matérias que

escrevi sobre o halterofilismo. Ainda assim, sentia que conhecia pouco daquela menina reservada.

Marquei de ir até sua casa. Era um sábado e eu me guiei até o bairro afastado quando já passava das quatro da tarde. Cheguei à casa simples e aconchegante, onde Lara vive com a mãe e irmã mais nova. Fui recebida com um alerta imediato: “Ah menina, estamos pintando a sala. Aqui é tudo imprevisível mesmo. Comprei a tinta ontem e o povo já veio pintar”. Sem embarços, nos acomodamos no quintal fresco e nos minutos seguintes fui surpreendida com um suco de acerola com maracujá, o favorito da minha entrevistada.

Lara Aparecida Ferreira Sullivan de Lima ou apenas Lara Lima, como prefere ser chamada. Filha de Juliana Ferreira e Marco Aurélio de Lima, nasceu em Uberlândia no dia 25 de abril de 2003. Nos primeiros ultrassons a mãe já sabia que ela viria ao mundo com uma deficiência. Independentemente disso, não cabia a ideia de interromper a gravidez. Estava disposta a encarar o desafio da maternidade de sua quarta – e penúltima – filha a qualquer custo. “Minha vida virou de cabeça para baixo, mas agradeço muito a Deus. A Lara é maravilhosa”, enfatiza Juliana.

Veio ao mundo com mielodisplasia e artrogripose. Malformação congênita que afeta a espinha dorsal e as articulações, resultando em movimentos reduzidos nos membros inferiores. “Sempre frequentei a AACD, desde que me entendo por gente. Aliás, antes mesmo de me entender”. Fazia sessões diárias de fisioterapia, terapia e acompanhamento médico. Mesmo com um quadro pouco promissor, ela se empenhava

com afinco ao tratamento, ancorada no desejo vigoroso de um dia andar.

Os médicos não a desencorajavam. Faziam estímulos articulares, colocavam a menina por entre as barras e arriscavam o uso de um andador. O “milagre” do movimento bípede não veio. O que para ela já não é mais motivo de insatisfação. “Essa é a minha condição e eu não deixo de fazer nada por isso”. Definitivamente. A rotina agitada é prova disso.

O despertador toca às 6 horas. Ela prepara um lanche para comer no meio da manhã e, antes mesmo de virar a hora, é levada pela mãe à escola. Perto do meio dia Lara volta para casa. Faz o percurso de pouco mais de um quilômetro tocando sua própria cadeira. A altimetria favorece, uma vez que o percurso é todo em descida suave.

Mal termina o almoço e já tem que se preparar para o treino. Faz sua mochila e se desloca até o ponto de ônibus. Não fosse a intervenção da mãe, a menina não conseguiria chegar à calçada. Sem acessibilidade apropriada, Juliana teve que quebrar parte do meio-fio e resolver o problema com as próprias mãos.

Lara pega sempre o mesmo ônibus. Está familiarizada com o motorista e outros passageiros frequentes. Leva quase meia hora para chegar ao Terminal Central, de onde percorre mais meia dúzia de ruas até a porta de seu clube de treinamento. São pelo menos quatro horas diárias de treino. “Tem dia que é força, outros são de técnica. Também fazemos muitos exercícios complementares fora da barra”.

Chega em casa com o sol se pondo. Passa um café – seu

vício assumido – e fica fazendo companhia para a irmã mais nova. Depois das 18 horas a mãe chega do trabalho e completa o trio inseparável. “Somos carne e unha”, ela entrega.

Para sustentar os treinos fortes, uma alimentação regrada – o que pode ser um sacrifício quando se tem uma mãe cozinheira. Juliana trabalha com culinária há anos e gosta do que faz. No papel de mãe-pai teve que enfrentar jornadas duplas, dividindo-se em dois empregos. “Eu sempre trabalhei muito. Sou frenética, então dava duro mesmo! Até chegar ao ponto de ficar doente e ser obrigada a diminuir o ritmo”. Desacelerou, olhou para si e restabeleceu a saúde mental. Hoje sustenta a casa com as 44 horas semanais na cozinha de um único restaurante.

Lara conta que herdou luz e sombra de Juliana. “Faço piada com tudo, gosto de explorar minha criatividade, mas também tenho o pavio curto e sou bem nervosa”. Características que, segundo ela, são legado materno. Embora os momentos ruins sejam inerentes ao cotidiano, a garota se esforça para manter seus dias divertidos..

“É melhor eu me zoar do que ficar mal dos outros me zoiarem. Antigamente eu ficava magoada, sentida. Hoje em dia, tô nem aí”. Ao ouvir essas palavras sinceras, me veio à mente uma frase emblemática de Oscar Wilde em que ele diz que “a vida é muito importante para ser levada à sério”. Pois que seja leve, então.

Esse comportamento, no entanto, só veio depois de um calvário. Lara coleciona experiências sórdidas. Memórias cruéis de tempos não muito distantes. Perdeu as contas de quan-

tas vezes se sentiu invadida. No ensino fundamental dividiu sala com crianças impiedosas. Pedacos de borracha voavam em sua direção, recebia espetadas de lápis e balanções na cadeira de rodas.

“Lembro de um recreio que uma turminha de meninos juntou em volta de mim e começou a me rodar na cadeira. Claro que a cadeira virou e eu cai, né? Mas isso aconteceu mais de uma vez”. Quando Lara compartilhava com a mãe, Juliana queria avançar nas crianças. Acionava a coordenadora, batia de frente com os outros pais, virava uma onça. Não media esforços para defender a filha.

“Em todo lugar eu falo: não precisa gostar da Lara, nem puxar saco. Só quero que tenham respeito, porque isso é o mínimo”. Concordo em gênero, número e grau. Apesar de eu não ter familiares ou amigos íntimos com deficiência, sinto intensa empatia por essa parcela da população – que corresponde a 24% dos brasileiros¹.

Ao firmar um contato mais próximo com pessoas com deficiência, em especial grupos de paratletas de diferentes modalidades, fui enxergando que os deficientes são seres humanos comuns. Nem excepcionais, nem incapazes. Nem especiais, nem aleijados. São pessoas que buscam autonomia, liberdade e respeito.

Ainda no universo da intolerância e dos julgamentos, o que mais incomoda Lara é ser tratada como enferma. “Quando falam ‘Deus vai te curar, eu perco a paciência. Espera aí.

¹ Fonte: Cartilha do Censo IBGE 2010 – Pessoas com Deficiência, Ministério do Trabalho.

Eu tô doente por acaso? Deficiência é só uma condição, não é doença”. E, assim, ela segue na busca perseverante por mais dignidade e menos coitadismo.

O esporte, que até 2016 era um caminho para saúde física e mental, deu indícios de novos rumos. Naquele ano Lara recebeu um convite para se apresentar em um Campeonato Regional, em Brasília. Ela não tinha idade competitiva, então teve que se contentar com uma mera demonstração de seus “talentos”.

Ao contar sobre o convite à mãe teve suas expectativas despedaçadas. Há anos Juliana tentava ensinar Lara a passar a sonda de retirada de urina, mas ela dava de ombros. Não teria como viajar sem essa autonomia. “Falei isso e no dia seguinte, assim que cheguei do trabalho, a Lara me gritou para contar que tinha passado a sonda sozinha. Como dizem, a necessidade faz o sapo pular, não é?”, contou aos risos.

Com a libertação da sonda, o sonho de viajar e experimentar um ambiente de competição estava vivo. Lara se juntou à equipe e desfrutou da oportunidade. Naquele momento, sabia que o halterofilismo seria muito mais que um mero passatempo.

Virou o ano e o desejo distante das disputas oficiais se tornou realidade. Estreou como um furacão. Em seu primeiro Regional de Loterias Caixa, em 2017, saiu com a prata adulto e junior de sua categoria. Poucos meses depois, no seu segundo regional, subiu mais um degrau conquistando ouro e prata. Causou rebuliço.

Menina-moça, pequena e delicada. Os óculos de lentes

volumosas corrigem o alto grau de miopia. Não são suficientes, no entanto, para interromper o coloboma – malformação congênita que atinge as estruturas dos olhos. Com um quadro degenerativo severo, a sua visão periférica também já está comprometida.

Lara sequer bate os 40 quilos na balança e, surpreendentemente, ergue o dobro deste peso na barra. Não é à toa que acumula o tricampeonato e o recorde brasileiro na categoria até 41 kg, com a marca de 81 kg levantados. O que justifica, ainda, sua constante convocação para representar a Seleção Brasileira em competições mundo afora.

Batizou-se internacionalmente no Aberto Europeu da França, no começo de 2018. Primeira vez que saiu do Brasil, primeira vez que andou de avião. “Fiquei nervosa e com medo da viagem, mas eu estava transbordando de alegria por poder representar o meu país”. O nível da competição era altíssimo, mas não o bastante para intimidá-la. Conquistou prata no adulto e ouro no júnior. Calou a todos que questionavam seu potencial.

No mesmo ano participou do Regional das Américas, realizado na Colômbia. Bateu a marca dos 70 kg erguidos e saiu da competição com ouro adulto e júnior. O calendário também incluiu disputas regionais e nacionais, nas quais Lara continuava ascendendo. Funcionavam como laboratórios de experimentação.

Em 2019, ela foi convocada para os três principais campeonatos da modalidade: Copa do Mundo de Halterofilismo, em Dubai; Mundial de Halterofilismo, no Cazaquistão; e Jogos

Parapan-Americanos, em Lima. A bagagem de experiências despontou acelerada.

Na maior cidade dos Emirados Árabes, Lara chegou com o título de “mais jovem atleta da competição”. Foi emancipada a “mais jovem atleta da competição com um bronze no adulto e ouro júnior”. No Cazaquistão, quatro meses depois, a garota não alcançou o mesmo êxito. As mais de 30 horas entre aviões e aeroportos, somadas a um fuso horário de dez horas de diferença, a maltrataram física e mentalmente. Se viu exausta e não conseguiu a performance que desejava. Voltou para casa de mãos vazias.

“Independentemente dos resultados, todas as viagens e competições são oportunidades imensa de aprendizado. Sinto que cresço muito sempre que me coloco à prova”. O mau êxito do Mundial serviu de trampolim para os Jogos Parapan-Americanos de Lima, em 2019. Lara conta que foi com sangue nos olhos.

A simples convocação para os Jogos é motivo suficiente para deixar qualquer atleta de alto rendimento em êxtase. É o segundo maior evento esportivo do mundo – ficando atrás apenas das Paralimpíadas. Movimenta e mobiliza pessoas dos quatro cantos e, em uma lista com 21 atletas convocados para representar o Brasil no Halterofilismo Paralímpico naquele ano, Lara Lima era um desses nomes.

Em solo inca, tentou manter a calma e concentração.

² Doença causada por um vírus da família coronavírus, com primeiros casos registrados no fim de 2019, na China. Com uma rápida disseminação, o surto foi classificado como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Até o fechamento deste livro, os casos no Brasil seguiam aumentando e já ultrapassávamos 50 mil mortes.

Precisava romper com a infeliz lembrança e frustração de sua última disputa internacional. Barra montada com 81 kg que foram caprichosamente levantados por Lara. Atestado carimbado de segunda melhor do mundo em sua categoria. “Fiquei muito emocionada. No pódio eu me senti uma celebridade. Um monte de fotógrafo, repórter, os companheiros de equipe, técnicos. Foi lindo”.

Agora, a atleta se prepara para as Paralimpíadas de Tóquio. Teve o sonho delongado pelas incertezas provocadas pelo COVID-19². A previsão é que siga para o Japão em agosto de 2021. “Não me sinto prejudicada pelo adiamento. Acho que ele é necessário e importante. Vai garantir a segurança dos atletas e da população como um todo”.

Em meio ao imprevisível, a certeza de que ainda há muito por vir. Que o esporte continue sendo via de florescimento. Que você continue provando para si que é capaz de tudo que quiser.

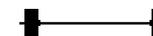




Foto: CPB



Foto: CPB



Gilvan Santos

“É o que tem pra hoje”

Era 2 de dezembro de 2013, um fim de domingo abafado e chuvoso. Com seus pouco mais de 1,70m e beirando os 100 kg, um homem corpulento, sua esposa e duas amigas se divertiam em uma boate superlotada. Beirava meia noite e a banda se preparava para subir no palco. O álcool ditava o grau de contentamento – que naquela altura, era demasiado. Bebiam desde a hora do almoço. Emoções acaloradas, sentidos inflamados.

Não demorou muito para uma faísca virar explosão. Um desentendimento entre o sujeito impetuoso e um grupo com fama de arruaceiro. Discussão, hostilidade, troca de socos e nove tiros. Do prazer ao desespero em poucos minutos. Da euforia à quase-morte. O fatídico fim de 2013, pesadelo da vida de Gilvan Pereira Santos. “Eu achando que era o cara, daí veio a vida e me colocou no meu lugar”.

Baiano, de Feira de Santana, nasceu em fevereiro de 1979. O sétimo dos nove filhos de Maria Alice Pereira e Otávio de Jesus dos Santos começou a trabalhar cedo. Sem regalias, aos cinco anos o menino já saía para vender laranjinha¹. Ainda em tenra idade, Gilvan viu o pai abandonar a família. Dona Maria Alice fez o que pôde. Se virava com a venda de acarajés e outras comidas típicas nas ruas do vilarejo baiano. Na labuta, viviam com o suficiente para garantir pão e teto.

O menino estudava pela manhã e, no restante do dia, intercalava as vendas e o divertimento. O arraial era pequeno

¹ Laranjinha, sacolé, geladinho, dindin, chup-chup, entre outros. Esses são alguns dos nomes dados a uma espécie de picolé, normalmente preparado com polpa de frutas, congelado e vendido em saquinhos plásticos.

para tanta energia. “Minha infância foi difícil, mas foi muito feliz. A gente aprontava muito, não tinha tempo ruim não”. Pé no chão, liberdade. As velas de terra batida eram o imã da molecada.

Trabalho sempre foi o segundo nome de Gilvan. De vendedor a mecânico. De açougueiro a vigilante. Fez de tudo um pouco e tem orgulho disso. Dinheiro nunca veio fácil, era preciso diligência. Não é de se surpreender que, para ele, suas características mais marcantes sejam a disciplina e a persistência. Atributos básicos de alguém que batalha na vida e também no esporte de alto rendimento.

Gilvan conheceu o halterofilismo no ano seguinte ao seu acidente. Os médicos foram categóricos ao recomendar a prática esportiva. Era indispensável para uma reabilitação de qualidade. Apesar disso, levou alguns meses até que ele conseguisse sair das profundezas da depressão e se restabelecer. “Oscilava entre a tristeza e a revolta. Eu não queria aceitar que essa nova situação seria permanente”.

E foi no esporte que ele resgatou sua vitalidade. Estar entre outras pessoas com deficiência dava uma sensação de conforto e segurança. Ali ele reconhecia que não era a primeira e nem seria a última criatura em uma cadeira de rodas. Entendia que suas dificuldades não eram exclusivas, que sua condição não era inédita.

De fato não era inédita no mundo, mas era completamente nova para ele. Lidar com a deficiência no alto dos seus 34 anos não foi uma tarefa simples. “Você está vivendo uma rotina tida como ‘normal’ e de um dia pro outro tudo vira de

ponta cabeça. Você é obrigado a recomeçar do zero”.

Com sete meses de lesão, Gilvan conseguiu uma vaga no Hospital Sarah Kubitschek, referência em reabilitação em Belo Horizonte. A ida fez emergir a esperança de que pudesse voltar a andar. A equipe médica, no entanto, não nutriu a ilusão: “em casos como o seu, só um milagre é capaz de te levantar”. Golpe pungente, o choro foi inevitável e correu solto.

Lidar com a nova realidade significava fazer dela a melhor possível. Encarou, assim, a reabilitação como mais um desafio de seu atual estado. “Lá aprendi a tocar a cadeira, empinar, tomar banho sozinho, descer pro chão, me trocar, me alimentar... enfim, me ensinaram a viver com alguma qualidade de vida em uma cadeira de rodas e eu valorizo muito essa oportunidade”.

Dos quatro personagens desse livro, Gilvan certamente era o que eu tinha menos contato. Fechado, taciturno, desconfiado. Eu realmente não sentia abertura para uma aproximação. Só depois de três anos acompanhando o grupo de halterofilismo é que estabelecemos o primeiro degrau de confiança. Trocamos meia dúzia de palavras em um Campeonato Brasileiro, em São Paulo. Curiosa, eu logo perguntei se sua deficiência era congênita ou adquirida. Ele me revelou que a paraplegia era resultado dos nove tiros que havia tomado seis anos antes.

Naturalmente, cresceu o interesse em saber mais sobre essa história. Meses depois, agendamos nossa primeira entrevista. Fui recebida na casa modesta, de quatro ou cinco cômodos, em que mora com a mãe. A passarela de cimento batido

que vai do portão à entrada facilitam o acesso do cadeirante. Os móveis, simples e esparsos, também favorecem o livre trânsito.

Me acomodei em um canto do sofá e Gilvan estacionou sua cadeira na lateral oposta. Não mais que quatro passos distante estava dona Maria Alice, iniciando os preparativos para o almoço. Mesmo com a pouca intimidade, me senti profundamente acolhida.

A princípio um pouco acanhado, Gilvan soltava respostas objetivas aos meus questionamentos. Aos poucos a conversa ganhou rumo e as quatro horas seguintes passaram ligeiras. Sempre com voz mansa e semblante sereno, ele me surpreendeu ao revelar que as crises de ira não são assim tão raras. Vez ou outra se revolta e se aborrece por não poder fazer as coisas do seu jeito. Nessas horas, repete para si: “é o que tem para hoje”. Concorda que o melhor é aceitar e agradecer o apoio que tem.

Gilvan sempre frequentou escolas públicas. Concluiu o antigo primeiro grau ainda na Bahia e ingressou no segundo grau já em terras mineiras, perto de completar 16 anos. Admite que não era um aluno aplicado, mas sabia usar da malandragem para se virar com o mínimo esforço. Não chegou a concluir o ensino médio, abandonou os estudos no último ano. “Já não era mais prioridade, decidi largar de mão”.

Na época, ele trabalhava como açougueiro. Jornada exaustiva, era um dos últimos a bater o ponto. A juventude por si só bastava para garantir e multiplicar a disposição. Ele também foi autodidata na música. Aprendeu a tocar percus-

são e logo se infiltrou em uma banda de pagode.

Dos pagodes aos cultos religiosos, abandonou a “Mistérios do Samba” para se dedicar à banda da igreja. E foi justamente nesse novo terreno que conheceu a sua primeira esposa e mãe de seus dois filhos. “Se eu não me engano, nos conhecemos no fim dos anos 90. Logo fomos morar juntos e casamos em 2001”.

A vida de casado foi entrando nos eixos. Douglas, seu filho mais velho, nasceu em 2003. Alana, a caçula, veio em 2008. Nesse entretanto, Gilvan fez um curso de vigilante e foi contratado em uma empresa de segurança. Passou a ganhar mais, mas os turnos de 12 por 36 horas davam muito espaço para o ócio. “Eu só pensava em dormir, não tinha ânimo pra nada. Estava depressivo, é claro. Daí a médica recomendou que eu arranjasse uma atividade física”.

Dias depois, estava matriculado em uma academia próxima de sua casa, zona periférica de Uberlândia. Pegou gosto pela coisa, malhava todos os dias. O dono propôs que ele cuidasse do local no seu contra turno. Trato feito. “Quando entrei na academia eu pesava 52 kg, só a capa do Batman. Fui ganhando corpo e entrei para a capoeira também. Em 2006, me lancei no fisiculturismo”.

Despontou em 2008, na categoria até 90 kg. “Eu passei de frango à monstro”, brinca. É claro que, para isso, contou com o uso deliberado de sintéticos. Fazia ciclos repetidos de oxandrolona, um anabolizante esteróide derivado da testosterona. Disputava campeonatos regionais e estava no auge do culto ao corpo.

Trabalho estável, dinheiro no bolso, corpo impecável. Mas Gilvan queria mais emoção. Mesmo com 30 anos nas costas, ele decidiu se aventurar no mundo das drogas. Aos poucos, a cocaína “apenas aos fins de semana”, deu lugar à cocaína “sempre que possível”. O pó puxava o álcool, que incitava a farras. Segundo ele, foram dois anos de sexo, drogas e rock’n roll. “Meu casamento acabou. Me envolvi com mulheres da vida e usava drogas sem controle. Cheguei a ficar de sexta à segunda virado e ainda ir trabalhar depois. Fui tomado pela ganância, me sentia o rei do mundo”. Correr risco, no entanto, era a melhor parte do jogo.

Ele já nem sentia mais o chão, estava flutuando. Foi salvo antes de se estrear, por aquela que viria a ser sua segunda esposa. Se conheceram em outubro de 2010 e, em dezembro, já dividiam a mesma casa. Gilvan não assume com todas as letras que ela foi o motivo para abandonar o comportamento autodestrutivo, mas deixa nas entrelinhas.

Adeus drogas, adeus libertinagem. Abandonou também o fisiculturismo. “É um esporte com muito gasto e pouco retorno, não conseguia me bancar. Fora que eu morria de medo de dar um revestrés com o uso dos sintéticos”. Dos efeitos colaterais, restou-lhe o menor: apenas uma escassez capilar no topo da cabeça.

Gilvan viveu anos felizes com sua segunda companheira. Estavam completamente apaixonados, experimentando a paixão em sua melhor forma. Apesar dos dois gênios fortes se confrontarem vez ou outra, sempre contornavam a situação. Com ela acumula das mais belas às mais sórdidas lembranças.

Estavam juntos no dia de seu acidente.

No momento dos disparos eles já estavam na rua. A discussão, iniciada no interior da boate, se estendeu do lado de fora. O pavio curto de um dos membros do grupo foi suficiente para a desgraça. Gilvan levou cinco tiros na parte da frente e, num ímpeto de sobrevivência, tentou correr, mas foi acertado outras quatro vezes. Caiu na calçada oposta enquanto os “criminosos” fugiam. Um corpo agonizando num tempo de espera lancinante. Foram 50 minutos de sangue esvaindo pela calçada até a chegada do Corpo de Bombeiros.

Os médicos estavam convencidos de que Gilvan não sobreviveria. Ainda assim, cumpriram todos os procedimentos. Removeram uma bala que havia perfurado o intestino grosso e fizeram toda a reconstrução do órgão. Suturaram as outras perfurações e avaliaram os rastros deixados pelos outros projéteis. Surpreendentemente, não ofereciam perigo – salvo a que atingiu a coluna. Por poucos milímetros não foi fatal. Ainda assim, foi suficiente para impor mudanças drásticas.

Após 18 horas inconsciente, veio a notícia final: estava paraplégico. “Meu mundo caiu. Saber que eu sairia daquela cama de hospital direto para uma cadeira de rodas? Nossa... muito triste”. Findados os 43 dias de internação, encaminhou-se para o processo de reabilitação. Queria dar o melhor de si na esperança dos movimentos voltarem.

Diante das tentativas frustradas, curvou-se às circunstâncias. Deixou ir a revolta, a tristeza, a agressividade, a indignação. Acolheu o conformismo, a aceitação. E, para isso, o esporte foi peça-chave. Desde 2015, Gilvan treina no levanta-

mento de peso com regularidade e constância. De segunda a sexta, entre 13 e 17 horas, tenha certeza de que ele estará no centro de treinamento.

Nesses últimos cinco anos, participou de pelo menos uma dúzia de Campeonatos Regionais e de três Campeonatos Brasileiros. Disputa na categoria até 107kg, uma das mais concorridas. Coleciona uma prata no Regional de João Pessoa, em 2019, e um ouro no Regional de Brasília, em 2020. Nos Brasileiros ficou em quinto, quarto e quarto lugares, em 2017, 2018 e 2019, respectivamente.

Está longe de ser um dos atletas que mais medalham na equipe. Ainda não conquistou um pódio no Brasileiro e sequer esteve em alguma competição internacional. Pouco importa. Isso serve de incentivo para ele continuar firme, se dedicando cada vez com mais afinco. Dos seus sonhos no esporte, representar o Brasil fora do país é o maior deles.

“Hoje eu sobrevivo só com o benefício assistencial do governo. Se eu tivesse um extra pra investir só no esporte, tenho certeza que meu desempenho seria melhor. Investir numa alimentação certinha, nos suplementos necessários. Duzentos reais ajudaria um monte”. E os patrocínios? Pergunto. Ele replica dizendo que já buscou, mas que as pessoas não se interessam pelo esporte paralímpico. “Chega a ser humilhante, sabe?”.

Apesar dos percalços, reconhece e valoriza a oportunidade de estar inserido no meio esportivo. Impulsionou o resgate do seu ânimo de viver, reforçou suas capacidades, mesmo que muitos não enxerguem. “Para muita gente parece que

eu deixei de ser alguma coisa ou que eu passei a ser inútil, um fardo. Mas a verdade é que continuo sendo um ser humano”.

Com a deficiência veio o entendimento de que somos todos codependentes. Mesmo que não queiramos, ele me adverte que sempre vamos depender uns dos outros para viver. Alguns mais, outros menos. Mas se manter em sociedade requer interação, relacionamento e troca. Afinal, somos seres sociais. Reconhecendo isso, Gilvan aceita de bom grado as ajudas cotidianas – seja para vencer uma subida ou para descer um meio-fio.

Admite, ainda, que a caminhada pela autoestima é uma montanha-russa infundável. Com a separação de sua segunda esposa, em meados de 2019, a descrença no amor foi inevitável. Sequer emprega energia na busca por um outro relacionamento. “Se acontecer, ótimo. Tem doido pra tudo por aí”, brinca.

Para fechar, pergunto se Gilvan se arrepende de suas atitudes impulsivas – por vezes intempestivas – do passado. “Eu não me arrependo de nada do que eu fiz na minha vida, mas sei que tudo tem suas consequências. Entrei naquela boate para ter um pouquinho mais de felicidade e de diversão, não foi para tomar nove tiros. E se eu tivesse saído com nove milhões? A vida é cheia de incertezas”.





Foto: CPB



Foto: CPB



ELITEIKO



Amanda Souza

"Hoje me olho com afeto"

Faz pelo menos três anos que Amanda e eu nos conhecemos. Desde então, não houve uma ocasião sequer em que ela tenha se mostrado mal-humorada, irritada ou chateada. Talvez por isso, ela tenha se tornado minha referência no quesito plenitude. Definitivamente, para essa vibrante mulher o copo está sempre “meio cheio”.

A postura positiva não indica que ela não enfrenta impasses. Muito pelo contrário. Não é fácil para Amanda se deslocar no centro da cidade onde vive. Também não é simples cumprir as atividades rotineiras de casa. “Mas quem disse que é para ser fácil?”, ela pontua. Não se deixa abalar, faz tudo com empenho. Certamente o seu perfil resiliente contribui para o trato leve na vida.

Nascida na capital paulista, em 1991, essa virginiana reservada e metódica não imaginava que o esporte seria o seu trampolim rumo à independência. Foi através dele que ela se descobriu forte, habilidosa, capaz. “Pera lá, parece que eu dou certo com esse negócio de levantar peso, eu pensava. Mesmo que no começo fosse tudo muito despretensioso, muito mais como ferramenta de bem-estar”.

Em 2020, ela soma 10 anos ininterruptos de esporte paralímpico, seis títulos de campeã brasileira em sua categoria e muita história na bagagem. Ainda assim, alimenta três metas: conquistar uma medalha em uma paralimpíada; mostrar que é possível ser um deficiente com grandes realizações; e lutar pelos direitos da pessoa com deficiência.

Ela já provou que sabe sobreviver às adversidades. Amanda Aparecida Sousa nasceu um “girino”. Prematura de

cinco meses e meio de gestação, passou outros seis na incubadora antes de conhecer o mundo. Durante esse ciclo era acompanhada pelos pais e médicos. Sua miudeza demandava cuidados. Tomava leite no conta gotas, uma vez que sequer tinha força de sucção.

Já no acalento do lar, Amanda dava sinais de progresso. Foi aos 10 meses que os pais notaram que os movimentos das pernas não aconteciam como o esperado. “Estava aprendendo a engatinhar e eu fazia o movimento com os braços, mas as perninhas vinham arrastando”. Deram início a uma via-crúcis de consultas a médicos. Na AACD de São Paulo o diagnóstico veio: paralisia cerebral diparética espástica decorrente de uma falta de oxigenação durante o parto.

De imediato vieram as contínuas sessões de fisioterapia. Três vezes por semana ela ia acompanhada da mãe ao tratamento. Além da terapia física, também recebia apoio psicológico. Aprendeu a conviver com a deficiência de maneira natural, mesmo que, vez ou outra, o descontentamento emergisse.

De fato Amanda possui algumas das características que distinguem uma pessoa com paralisia: movimentos de membros inferiores limitados, marcha arrastada, apoio de muletas e fala anasalada. Em relação ao que verdadeiramente importa, ela possui todas as características que distinguem uma pessoa apaixonante.

A filha de dona Sônia Sebastião dos Santos e Antônio José de Sousa sabe valorizar o melhor das pessoas, situações e coisas. Uma personalidade com muitos atributos herdados dos pais. Amanda nasceu em uma família estruturada, não

passaram por grandes problemas financeiros. O acesso aos tratamentos sempre foi garantido, contavam com apoio irrestrito e não sentiam na pele as urgências das camadas desfavorecidas.

Branca, de meia estatura, cabelo castanho claro longo e olhos caramelos. Para mim, os traços físicos delicados de Amanda são reflexos de sua essência. Mesmo se considerando introvertida, ela é um poço de afeição. Tem um humor raro, desprezioso. Transmite uma imagem serena que entenece.

Aos seis anos, ela acompanhou o divórcio de seus pais. Felizmente, a afabilidade da dupla não cessou com a separação. “É claro que foi um pouco traumático, mas os meus pais não deixaram isso respingar na gente, sabe? Meu irmão e eu continuamos recebendo a atenção e o carinho deles”.

Com a separação, São Paulo já não fazia mais sentido para nenhuma das partes. Dona Sônia, seguiu com os filhos para o Triângulo Mineiro, especificamente para a cidade de Ituiutaba. Seu Antônio mudou-se para a capital federal, onde anos depois conheceu uma nova companheira.

Com o propósito de intensificar o processo de reabilitação, aos nove anos a garota foi morar com o pai em Brasília. Lá permaneceu por dois anos em tratamento no Hospital Sarah Kubitschek, referência no assunto. Também fez uma cirurgia nos pés, que precisavam de uma correção na angulação.

Em uma de nossas conversas, questionei sobre como ela acha que maioria das pessoas com deficiência se enxerga. Amanda fez uma seguinte analogia. “É como se ela estivesse dentro de uma caixa, olhasse o mundo lá fora, mas acreditasse que só pode ser e estar dentro dessa caixa. O limite mental

do ‘não posso sair de casa’, ‘não posso fazer isso sozinho’, ‘não posso estudar’, ‘não posso fazer um esporte’... Por isso a autonomia causa tanto espanto para a sociedade em geral”.

São justamente os limites do “capacitismo” que ela faz questão de romper. Amanda se chateia com o fato de que, em pleno século XXI, centenas de pessoas sejam consideradas incapazes e isoladas nas profundezas de suas casas. Como uma forma de proteção, famílias ainda acreditam no enclausuramento como uma forma de proteção.

Sua independência se potencializou quando Dona Sônia, encorajada pelo avô, Tião – ou Seu Nego para os mais íntimos – decidiu mudar-se com a família para Uberlândia. Em seu novo contexto, ela voltou a frequentar um núcleo da AACD. “Eu estava na adolescência, cheia de conflitos internos. Foi ótimo conviver com aquele grupo de pessoas com deficiência, porque mostra que você não está sozinho. Passa a ver que seus desafios não são únicos”. Ali Amanda começou a criar e reconhecer sua própria identidade.

Foi também na AACD de Uberlândia que a ela soube que o desenvolvimento dos membros inferiores havia chegado ao limite. Os fisioterapeutas recomendaram que começasse a praticar um esporte, justamente para não perder toda a evolução motora conquistada. “Natação era o mais indicado. Daí fui atrás disso e comecei nas piscinas em 2006”.

Apesar de sentir prazer na água, ela sempre considerou a natação como uma via de bem-estar. Gostava de se lançar na piscina, sentir a liberdade e leveza do corpo flutuando, mas nunca cogitou o universo competitivo. “Minha mãe sempre

me apoiou muito a sair de casa, fazer minhas atividades, ver o mundo. Ela me incentiva muito a viver a vida”.

Passado algum tempo, Amanda despertou a curiosidade de Wéverton Santos, que há poucos anos havia começado o trabalho com esporte adaptado. O levantamento de peso, no entanto, não parecia muito atraente para a adolescente. Ela resistiu aos primeiros convites, mas o técnico foi insistente. Ele sabia que aquele tronco robusto e os braços fortes seriam perfeitos para modalidade de força. Amanda cedeu às investidas e passou a conciliar os treinos aquáticos e terrestres. Um par de dias na piscina, outro na musculação.

A rotina durou seis meses, até que uma forte crise financeira resultasse no fechamento do clube em que treinava. “Eu lembro que na época que o Virtus [clube] fechou, minha mãe achou bom. Eu estava no fim do colegial e precisava me dedicar mais aos estudos para conseguir fazer uma faculdade”. Amanda estudou a vida toda em escola pública. Fez o primeiro vestibular completamente descrente. Arriscou Relações Internacionais e ficou longe da lista de convocados. Se viu impelida a tentar uma bolsa para um cursinho. Garantiu um bom desconto para a turma noturna.

Ainda em 2010 tentou novamente o vestibular para RI. Nada feito. Mesmo sentindo que tinha tato para a diplomacia, foi incentivada pela mãe a considerar uma profissão na área da saúde. “Fisioterapia? Para mim que passei praticamente a vida toda sob os cuidados desses profissionais?”, ela se perguntava. “Como é isso de um deficiente tratar de outro? Eu não sabia se seria capaz”.

Em meio às incertezas acadêmicas, retomou contato com Wéverton. Queria voltar à prática de uma atividade física. Assim, recomeçou no levantamento de peso – agora pelo Clube Desportivo para Deficientes de Uberlândia, novo local de trabalho do técnico. Sua rotina se resumia em treinamento no período da tarde e o cursinho à noite.

Para Amanda, tudo tem seu tempo e foi em meados de 2011, na terceira tentativa de vestibular, que passou na Universidade Federal de Uberlândia para o curso de Fisioterapia. Rememora os eventos com uma riqueza de detalhes invejável.

Única pessoa com deficiência da turma, ela nunca se sentiu rejeitada. Logo criou uma rede de apoio, um grupo de amigos que se mantém até hoje. Revela também que a Amanda de antes da universidade era uma, a de depois outra. Mesmo com o acolhimento dos colegas, não esconde que teve que lutar pelo seu próprio espaço.

Para além dos desafios acadêmicos, via o seu lado atleta ganhando corpo. Estreou com o pé direito em uma etapa regional do Circuito Loterias Caixa. Na ocasião, ergueu 55kg e saiu com o seu primeiro ouro na categoria feminina até 73kg. Para Wéverton, era a confirmação do potencial da atleta. Para Amanda, o gatilho para admitir o esporte como um caminho.

Nas competições seguintes continuou sendo destaque no pódio, o que fez com que ela se sentisse mais confiante. Amanda começou a chamar a atenção no meio paralímpico. Não é de se espantar que a proposta de bolsa-atleta tenha chegado já em 2012, como um reflexo de suas atuações em competições.

Passou, então, a receber o incentivo financeiro governa-

mental que se mantém até os dias atuais. “Comecei a encarar o halterofilismo como um trabalho mesmo, com meus horários diários para cumprir, metas para bater e uma periodização séria”. E, como tudo que pega para fazer, mergulhou de cabeça na missão atleta-de-alto-rendimento.

Combinou a rotina de treinos, competições e salas de aula por sete anos, até alcançar o espinhoso diploma de graduação. Conciliar o esporte de alta performance e a vida acadêmica foi sua maior prova de persistência. “A Amanda é uma referência como pessoa, profissional e atleta. Um foco, uma concentração, uma inteligência, uma vontade de fazer as coisas... enfim, todos os adjetivos de competência e responsabilidade eu daria para ela”, endossa o técnico, orgulhoso.

Santiago, no Chile, foi sua primeira experiência internacional. Representando a seleção brasileira, Amanda competiu os Jogos Para Sul-Americanos de 2014 e, com a marca de 74 kg, saiu com seu primeiro ouro em bandas estrangeiras. “Fui sem qualquer perspectiva de medalha. Queria ganhar experiência e sentir como seria uma competição internacional”. Foi ovacionada e caiu no choro durante a premiação.

Seguiu dando duro para tentar vaga nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto, em 2015. Precisava fazer uma marca expressiva no brasileiro para ter chances de convocação. Nos treinos, os 85 kg saíam com vigor, mas na competição classificatória o “peso de ouro” não subiu. Sonho do Parapan interrompido. “Apesar da tristeza, guardo essa experiência com carinho. Sei que me trouxe crescimento e amadurecimento. Nem só de glórias vive um atleta”.

Só em 2017 que essa barreira dos 85 kg foi ultrapassada. Finalmente, a libertação. O ouro na etapa regional do Circuito Loterias Caixa, com exatos 87 kg erguidos, trouxe não só o título de recordista brasileira em sua categoria, mas também a vaga na Copa do Mundo de Parahalterofilismo, em Eger, na Hungria.

Atravessou o Atlântico e pisou pela primeira vez em solo europeu. Foi confiante de seu potencial, mas não teve suas expectativas atendidas. “Ninguém entendeu. A barra subiu contínua e retinha. Só que eles alegaram que fiz um movimento com o braço errado”. Encerrou a competição em quarto lugar. A surpresa veio meses depois, quando recebeu a notícia de que uma de suas adversárias havia sido pega no doping. O bronze caiu em seu colo quase como um pedido de desculpas.

No currículo da atleta ainda tem espaço para outros títulos importantes. Ela é hexacampeã brasileira em sua categoria, coleciona um mundial na França e outro no México. Em agosto de 2019, esteve em seu primeiro Parapan-Americano no Peru – sim, aquele mesmo evento que não conseguiu vaga em 2015. “As disputas internacionais abrem o seu campo de visão. Você encontra pessoas de diferentes realidades. Gente que passa necessidade, outros que são elite. É nessas situações que você entende que tudo é possível e que o esporte é uma dádiva”.

Os pesos erguidos no halterofilismo repercutem na vida. A cada quilo conquistado, seu fardo fica mais leve. “É entender que não tem um culpado. Já escutei que era macumba, carma, demônio... tudo que você imaginar de ruim. Hoje, eu percebo

que é um presente! Tenho a possibilidade de ensinar, militar, corrigir e experimentar”.

Amanda reconhece que o preconceito ainda existe, apesar de estar se transformando. Para ela, ainda há aquele preconceito velado, entranhado nos gestos e olhares. “Quero acreditar que isso está mudando, mesmo que a passos lentíssimos”.

Muito bem resolvida, não nega que esses olhares sempre aconteceram e que continuarão acontecendo. “Apesar de me incomodar, porque parece que eu tô cagada e eu não tô, não me sinto afetada. Eu noto que as pessoas ainda não estão preparadas para encarar a deficiência com naturalidade”.

Dentre os clássicos, ela relembra que na infância os coleguinhas a chamavam de aleijadinha. Também se recorda de pacientes que se recusaram a serem atendidos por ela durante a época de estágio. “Aí, a diferença entre Amanda de 20 anos e a de hoje é que eu consigo olhar para o preconceituoso e pensar: será que ele sabe o que ele tá falando? Ele tem conhecimento de mundo para entender que a deficiência não é um limitador?”.

Com seus quase-trinta, ela clínica em um consultório perto de sua casa. Não por acaso, Amanda se especializou em casos de reabilitação. Assume que ser fisioterapeuta a coloca em um lugar de conforto e estabilidade. “Me permite um olhar mais amplo sobre o meu corpo, minhas dores e meu treinamento, mas também me dá a segurança de ter uma formação e uma profissão para seguir ao longo dos meus dias”.

Em um de nossos últimos encontros pergunto sobre como é sua relação com seu corpo. Ela comemora que o auto-

juízo esteja dando lugar a autoaceitação. “De uns dois anos para cá o meu olhar pro corpo mudou muito. Eu sei que nunca terei um corpo dentro do ‘padrão’ socialmente estabelecido e quer saber de uma coisa? Eu não estou nem aí”.

No quesito amor próprio, Amanda guia-se pelo comportamento de Marco Antônio, seu irmão mais velho. Vê-lo – homossexual, bem resolvido e independente – lidando com tanta amorosidade consigo a faz refletir. “Hoje eu me olho com afeto. Acho que estou me livrando dessa cobrança que a indústria e a sociedade colocam dos corpos perfeitos. Eu quero é ter bem-estar, qualidade de vida, saúde”.

Além de irmãos, são melhores amigos e confidentes. Marco Antônio não economiza elogios e confirma a admiração mútua. “Forte, persistente, determinada... ela tem um poder de escuta lindo. Sabe aquela escuta ativa, com atenção e cuidado?”. E como sei, Marco.

Nos próximos dois anos Amanda planeja sair um pouco de cena. Quer recuar, tomar um panorama geral e planejar os próximos passos. Ainda assim, mesmo depois de 10 anos, os olhos ainda brilham ao falar do halterofilismo. “Para mim, o esporte transpõe o simples competir. A gente interage, abre os horizontes, ganha em civilidade e em afeição. Posso dizer que o halterofilismo me emancipou”. E assim, espero que siga inspirando mais libertações.



Foto: CPB



Amanda Sousa



Foto: Arquivo pessoal



Mateus Assis

“Não há barreiras”

Desperta antes das sete horas. Toma uma ducha, faz sua higiene, veste o uniforme. Um café preto basta, prefere não comer antes da pesagem. Segue para o local de competição. Sem muita interação humana, opta pelo ruído dos seus fones de ouvido. O pré-competição é sempre na companhia de suas músicas de louvor. Segue para a sala de pesagem, onde confirma sua vaga na categoria até 107kg. Primeiro protocolo concluído, o estômago já está ávido por um alimento sólido, então consome uma boa fonte de carboidratos. As horas que seguem são de preparação mental e física. Na área de aquecimento, faz uma sequência de exercícios para esquentar o corpo. São muitos microdetalhes a ocupar o atleta. Perto das 11 horas, ele escuta o anúncio de sua categoria. Mergulha as mãos no magnésio para eliminar qualquer resquício de suor. Faz os últimos ajustes no macacão de competição, respira fundo.

É chegado o seu momento. Entra em cena para o que eu batizei de “performance do triunfo”. Ele surge com expressão de furor. Carrancudo, toma o seu lugar e, com ajuda dos braços, ergue as pernas para cima do banco. Antes de deitar e ser amarrado por Wéverton, inclina-se para frente, fecha os olhos e faz uma espécie de reza. Ergue um dos braços para o céu e tomba o corpo para deitar no banco. Um verdadeiro ritual. Dali para frente, executa o que sabe fazer de melhor. Tira a barra do suporte, desce lentamente até o peito, faz uma ligeira pausa e percorre o caminho de volta. Sem perder a cadência, em um movimento absolutamente estável e elegante.

Sobem as três bandeiras brancas. Performance do triun-

fo executada com sucesso. Com esse sintético relato, dá para vislumbrar um pouco do que é um dia de competição na vida de Mateus de Assis Silva. Seu favoritismo no halterofilismo paralímpico brasileiro é incontestável. E quem quiser desbancar o recorde nacional na categoria até 107kg, terá que levantar mais de 211 kg¹. Só assim para tomar o espaço dessa muralha de apenas 23 anos.

Nasceu em Uberlândia – MG, no dia 27 de maio de 1997. Segundo filho de Diva de Fátima Silva e Eurípedes de Assis Silva quebrou o reinado do primogênito Marcos – que por quase 10 anos era o único filho do casal. A mielomeningocele, também conhecida por espinha bífida, foi descoberta na metade da gravidez. Dona Diva recebeu o diagnóstico e foi alertada sobre as chances de Mateus vir ao mundo com hidrocefalia, descontrole de urina e o movimento dos membros inferiores comprometido. Apavoramento súbito.

Com as condições de intervenção insuficientes da época, os pais pouco puderam fazer durante a gestação. Ainda recém-nascido, Mateus foi submetido à cirurgia de correção da coluna e de colocação da válvula para tratamento da hidrocefalia. Procedimentos bem-sucedidos, restou-lhe a paralisia dos membros inferiores.

“Se teve receio por parte deles? Claro. Ficar sabendo que seu filho vai nascer com uma deficiência não é uma notícia simples. Mas meus pais encararam a missão”. A cumplicidade

¹ Marca registrada pelo atleta no último Campeonato Brasileiro Loterias Caixa de Halterofilismo Paralímpico, disputado em São Paulo em novembro de 2019.

do casal sobrevive até hoje, somando 35 anos de união. São uma referência para o garoto, sinônimos de segurança e apoio.

Além de mãe dedicada, dona Diva também ocupa o posto de melhor amiga de Mateus. “Minha mãe é minha maior incentivadora. Ela sempre me põe pra cima, me consola, me orienta. A gente compartilha de tudo. Nossa ligação é muito bonita”.

Seu Eurípedes garante o sustento da família como mecânico de bomba de gasolina. Dona Diva cuida dos afazeres domésticos e, eventualmente, faz faxinas para alguns conhecidos. Levam uma vida confortável, na mesma casa há mais de duas décadas. Sem pompas, mas com as conveniências de uma típica família classe média.

No tímido outono mineiro, fui recebida por Mateus e suas duas cachorras em sua residência. Ele abriu o portão pelo interfone e gritou para que eu entrasse. Os cumprimentos foram feitos em meio a latidos eufóricos. Para minha surpresa, estávamos apenas nós e os bichinhos de estimação. Os pais tinham ido para o sítio, próximo a Iraí de Minas. “Eles vão quase todo fim de semana”, explica. “E você se vira bem sozinho?”, hesito. “Sim, super tranquilo. Eu só não faço comida”.

Desde muito cedo, Mateus valoriza sua independência – fortemente encorajada pela mãe. Foi criado solto, fazendo o que todas as outras crianças faziam. Sem aprisionar e nem enfiar numa bolha. Logo cedo aprendeu a tomar banho e se trocar sozinho. Em seu par de rodas, ia e vinha com total liberdade. Descia para o chão e se arrastava como podia. Sempre viveu uma vida comum.

Talvez por isso lembre com tanto carinho de sua infân-

cia. “Minhas primas e eu, a gente tocava o terror. Brincava de carrinho, de casinha, de boneca. Apesar dos perrengues de hospital, consulta e tudo mais, eu fui uma criança muito feliz”.

Fez fisioterapia por alguns anos. Primeiro, para estimular os movimentos. Depois, para adaptar-se à cadeira de rodas e alcançar maior bem-estar. Aos quatro anos Mateus teve que ser submetido a uma nova cirurgia. Dessa vez, osteotomia corretiva dos pés tortos.

Questiono se ele se sente privilegiado por ter uma rotina confortável e sem escassez. É enfático ao dizer que não acredita muito que dinheiro seja um fator decisivo para a qualidade de vida de uma pessoa com deficiência. Crê, no fundo, que mais do que possuir vantagens materiais, é preciso ter força de vontade e determinação.

Determinação. Característica elementar no caminho como atleta. A rotina não é para qualquer um. São pelo menos quatro horas diárias de treino pesado. Outras duas horas gastas no trajeto de ida e volta – que Mateus faz em transporte público. Alimentação balanceada, controle do peso corporal. Metas a serem cumpridas, prestação de contas. Pressão, muita pressão. Trabalho físico e psicológico constante.

Ele me conta que, vez ou outra, se dá ao luxo de saciar seus desejos. Dentre os caprichos alimentares, o seu ranking de favoritos inclui comida japonesa, doces em calda e fast-food – com muita batata frita, por favor. “Meu ponto fraco é doce. Sou daqueles que diminui no arroz e feijão pra comer um doce. Compota de figo, de manga, sobremesas com chocolate... me controlo por causa do trabalho, né?”.

Sim, trabalho. O halterofilismo é o seu ofício. Não só porque há três anos é contemplado pelo Programa Bolsa-Atleta. Nem para fazer jus aos seus bons índices. Mas sim porque é isso que faz seu coração vibrar. É o que pretende fazer enquanto seus músculos aguentarem.

Ao contrário do esporte, no ambiente escolar o empenho nunca foi o mesmo. Mateus vivia às turras com os estudos. Sempre frequentou escolas estaduais e confessa que odiava estudar. No segundo ano do ensino médio “chutou o pau da barraca”. Abandonou o posto de estudante para se dedicar integralmente ao esporte. Ele diz não se arrepender do fato de não ter completado o ensino médio.

Foi em 2012 que experimentou pela primeira vez o levantamento de peso. Recebeu o convite para conhecer o trabalho que o Clube Desportivo para Deficientes de Uberlândia (CDDU) realizava na cidade. Wéverton Santos, que naquele tempo já encabeçava a modalidade, precisou pescar o menino das piscinas. “Por indicação médica eu fazia natação na época. Já era grandinho, tinha uma estrutura física boa. Daí o Tom veio falando que eu estava no esporte errado. Disse que eu tinha que ir pro halter² porque, segundo ele, ‘toco não nada, toco boia’”, lembra entre gargalhadas.

Admite que no primeiro ano desportivo mais faltava do que ia. Era tudo uma brincadeira, um passatempo. Já em 2013, depois de algumas aparições em campeonatos regionais, Mateus recebeu o convite para participar dos Jogos Parapan-A-

² “Halter” é uma abreviação da modalidade halterofilismo, frequentemente usada por atletas e conhecedores do esporte.

mericanos de Jovens, em Buenos Aires. A coisa foi tomando corpo, ficando séria. Num misto de euforia, surpresa e medo, marchou para a Argentina.

“Eu nunca tinha viajado de avião, pensa? Estava muito feliz, queria ver tudo, tirar foto de tudo. Foi uma experiência inesquecível... A minha mãe ficou toda preocupada, até porque era um menino solto no mundo. Tinha só 15 anos, não sabia nada da vida”. Temores à parte, a estreia não poderia ter sabor mais doce. Voltou com um bronze júnior na bagagem e o atestado de talento no esporte.

No ano seguinte foi convocado para os Jogos Para-Sulamericanos, em Santiago, no Chile. Repetiu o feito e saiu com o bronze júnior. Nas competições nacionais não era diferente. Empilhava vitórias e pódios. Em 2015, veio o primeiro ouro internacional, no Open das Américas, disputado no México. Honrou o trabalho de um ano inteiro.

Nem só de glórias é feita a carreira de um atleta. A primeira frustração veio nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto, quatro meses depois. O atleta queimou uma de suas pedidas e não conseguiu marca para o pódio. “Claro que só de estar em um Pan, é maravilhoso. Mas não posso negar que ficar fora do pódio mexe comigo. É como se todo o trabalho feito fosse jogado fora”.

As decepções, no entanto, não costumam vir a público. Suas crises são resolvidas a portas fechadas. Trancado em seu quarto, se permite mergulhar nas profundezas de seus conflitos. Prefere experimentar os desgostos em isolamento, numa combustão silenciosa.

Sua montanha-russa de sentimentos, por vezes, afeta também a sua autoestima. Para sua sorte, os colapsos são pontuais e passageiros. “Tem dias que estou lá em cima, nem Júpiter me aguenta. Agora tem dias que tô no fundo do poço, tomando café com a Samara. Olho no espelho e falo: é isso mesmo que tem pra hoje?”.

É loquaz ao falar sobre sua vaidade. Não nega a satisfação em andar bem vestido, com o cabelo bem cortado, sapatos ajeitados e perfume marcante. “Sim, eu gosto de me cuidar. Me vestir bem, ter um cabelo diferente, a pele decente. A beleza já não veio forte, então eu tenho que dar meus pulos”, debocha.

Coleciona numerosos piercings nas orelhas e algumas tatuagens pelo corpo. A primeira delas foi um escrito no antebraço, com apenas 17 anos. *It’s Britney, bitch!*³ é o carimbo de sua idolatria pela cantora pop Britney Spears. Fã desde a infância, ele sonha com a chance de ir a um show. “De duas uma: ou eu caio duro no chão; ou então eu levanto e saio andando”, comenta entre gargalhadas.

Para Mateus, o excesso de intimidade entre técnico e atleta pode atrapalhar o relacionamento. Por isso, com o passar dos anos, o vínculo foi recebendo ajustes e sendo refinado até chegar ao que acredita ser o mais saudável. “O Tom e eu tínhamos uma relação quase que de pai e filho. Mas aí você começa a levar as coisas muito pro pessoal e sofre. Então, estabelecemos limites e, hoje, somos técnico e atleta”.

³ O jargão “It’s Britney, bitch” é marca registrada de Britney Spears. A expressão foi pronunciada pela cantora no videoclipe da música “Gimme More”, em 2007.

Há nove anos ele vive sob a tirania do levantamento de peso. Não no caráter bárbaro da palavra, mas no sentido figurado de poder. Nessa quase uma década, Mateus acumula 13 competições internacionais, que deram origem a 12 pódios – quatro ouros, três pratas e cinco bronzes. Mesmo com um currículo prodigioso, recusa a ideia de abandonar o esporte antes de marcar presença em pelo menos dois Jogos Paralímpicos.

O primeiro deles estava engatilhado. A estimada Paralimpíada de Tóquio, no entanto, teve sua data de início adiada – de agosto de 2020 para, no-melhor-dos-cenários, agosto de 2021. O evento sofreu os impactos da pandemia global do COVID-19⁴. “Na hora, fiquei muito chateado. Primeiro ano que tenho oportunidade de ir e acontece isso. Mas logo passou a chateação. Prefiro a segurança e saúde de todos”.

Ainda sobre suas façanhas, Mateus é tetracampeão brasileiro na categoria até 107 kg. Também foi quatro vezes maior barra⁵ de competições nacionais e detém o recorde de 211 kg erguidos. Afora os títulos, o esporte trouxe uma bagagem muito mais rica. Menino interiorano, nunca imaginou conhecer tantos lugares. Sair de Uberlândia? No máximo para ir ali em Uberaba e olhe lá.

Cruzar o Atlântico, aterrissar em outros continentes, co-

⁴ Doença causada por um vírus da família coronavírus, com primeiros casos registrados no fim de 2019, na China. Com uma rápida disseminação, a doença foi classificada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Até o fechamento deste livro, os casos no Brasil seguiam aumentando e já ultrapassávamos 50 mil mortes.

⁵ Trata-se do título conferido ao atleta que levanta o maior peso de toda a competição, independentemente de sua categoria.

nhecer culturas diferentes. Esse é, para ele, o fruto mais precioso do esporte. Sair do seu micromundo e se deparar com territórios inéditos. “Depois que eu comecei a descobrir o mundo, entendi que o ser humano é incrível. A gente pode ir aonde quiser... Não existem barreiras. Antes do esporte eu jamais perceberia isso. Me abriu muito a cabeça”.

Para além dos países já citados, Mateus também competiu na França, Hungria, Colômbia, Emirados Árabes, Nigéria, Cazaquistão e Peru. E foi justamente em terras incas que ele rompeu com as lembranças frustradas do último Pan – de Toronto, em 2015. Saiu com o bronze nos Jogos Parapan-Americanos de Lima e 201 kg erguidos.

Não obstante, encarar os eventos internacionais exige esforços. Os voos longos são complexos, quase uma prova de resistência. Passar 10, 12, 14 horas dentro de um avião, não é confortável para ninguém. Quando você tem um tronco largo, mobilidade reduzida e ainda precisa lidar com os deslocamentos arrastados ao banheiro... aí a situação piora. “Ir até o banheiro e ainda me equilibrar naquele cubículo? É uma ginástica. Fora a própria poltrona que é bem desconfortável”.

O cordão umbilical entre os “Silva” é forte e assumido. Vivem uma ligação harmônica e de apoio mútuo. A deficiência sempre foi tirada de letra. Os pontuais sufocos financeiros também. Até os assuntos tidos como tabus pela maioria foram superados sem crise. A exemplo, o fato de Mateus e Marcos serem homossexuais.

“Eu sempre soube que gostava de homens. Ali pelos 14 anos abri o jogo com a minha mãe. Lembro que ela ficou as-

sustada, levou um tempinho para eles assimilarem a notícia”. Hoje, a orientação sexual é encarada com naturalidade. Quando engata um relacionamento, faz questão de apresentar à família – como fez em seus três namoros. O tratamento é corriqueiro, sem espaço para constrangimentos.

Os julgamentos que nunca experimentou em casa, são sentidos nas relações externas. Para meu espanto, Mateus revela que o universo gay é extremamente preconceituoso. A aceitação das pessoas com deficiência é mínima. “É bizarro que em uma classe que sofre preconceito, existam preconceitos internos. De um modo geral, não toleram deficientes, gordos, trans, gays afeminados. É uma palhaçada”.

Além disso, ele crê que a discriminação na sociedade é fruto de desconhecimento. Para Mateus, não há abertura para que as pessoas com deficiência sejam protagonistas de suas próprias vidas. São comumente encarados como seres incapazes, que requerem melindre. Assim, o conhecimento parece a única lente possível para que as pessoas passem a enxergar a deficiência pela ótica da normalidade.

Nesse caldeirão de ignorâncias e intolerâncias, Mateus também já caiu na armadilha da rejeição. Chegou a se sentir injustiçado por ter nascido com deficiência. Por felicidade, o “coitadismo” deu lugar à compreensão. Página virada, hoje ele só deseja ser tratado com humanidade. “Eu não sou o Mateus com deficiência. Sou o Mateus normal, como qualquer outro”. Para mim, sempre foi e sempre será. Como qualquer outro: único.

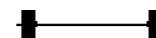




Foto: CPB

Mateus Assis

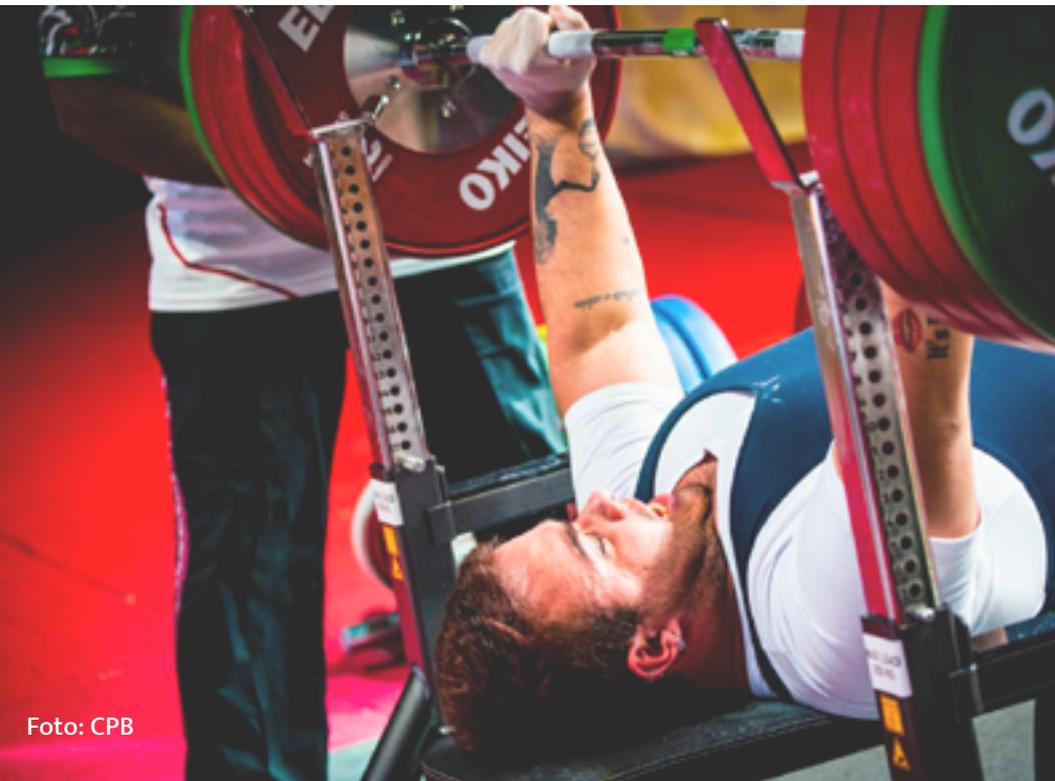


Foto: CPB

CONSIDERAÇÕES

Desvendar o ser humano é apaixonante. Buscar a autenticidade e o conhecimento, de si mesmo e do outro, é libertador. Depois de meses trabalhando nessa obra e me debruçando sobre histórias tão diferentes das minhas, me sinto inteira.

Com o *PARALELOS*, a sutil tentativa de apresentar provas de evidência de que pessoas com deficiência são seres humanos normais e completos. De romper com representações estigmatizantes. De contribuir para o debate acerca da deficiência.

Traçar o painel de histórias de vidas é um desafio tamanho, especialmente por se tratar da essência, do que há de mais profundo no indivíduo. Assim, meu muito obrigada por trazerem suas realidades nuas e cruas. Obrigada pela originalidade dos relatos, pela sensibilidade da troca. Obrigada por remexerem lembranças, hora sofridas, hora doces. Me sinto tomada por contentamento.

Por fim, fica a certeza de que todos têm histórias para contar. Basta estarmos abertos para ouvi-las.

Maria Paula Martins



As fotos utilizadas na abertura dos capítulos são de propriedade do Comitê Brasileiro Paralímpico (CPB) e foram devidamente liberadas para uso nesta obra.

Uberlândia - MG
2020



Este livro é resultado de um trabalho jornalístico minucioso acerca das invisibilidades e silenciamentos sociais. É, ainda, resultado da trajetória da autora, cujo olhar sempre esteve atento àqueles que boa parte das pessoas e, por desdobraimento, dos jornalistas, não vê... os invisíveis, sejam pessoas em condições de situação de rua, negros, paratletas e inúmeras outras minorias.

Num momento, em pleno século XXI, quando a sociedade aparenta flertar com o retrocesso a períodos históricos em que diversidade e inclusão eram apenas palavras sem sentido, um livro com o desafio de pensar, mostrar e mesmo ressignificar a representação de paratletas em seu cotidiano torna-se essencial. É como um sopro de resistência, um lembrete de que depois de certo ponto não há como voltar atrás, a única alternativa que se tem é seguir em frente, seguir visível, vivendo e ressignificando o presente.

Adriana C. Omena Santos